

preferido acentuar a sucessão cronológica sobre a distinção tipológica. Os resultados são sólidos, embora creia que preocupações de distinção tipológica não colidam com a História (mas talvez colidissem com o formato breve deste livro).

Uma nota conclusiva sobre a chancela e coleção onde este livro se integra. As edições Ática, primeiro por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, foram pioneiras na divulgação da obra de Fernando Pessoa e alcançaram o estatuto forte de *vulgata* do texto pessoano. Com a queda da obra do criador dos heterónimos em domínio público, as edições Ática também caíram em práticas repetitivas de direitos adquiridos. Nos últimos anos, muito por causa da ação de Jerónimo Pizarro, esta chancela deixou de ser um armazém de edições nostálgicas para ter vindo a investir, primeiro de maneira tímida, depois nitidamente, em trabalhos editoriais que visam alargar o conhecimento da produção textual de Fernando Pessoa. A coleção “Ensaística Pessoaana”, de que este livro faz parte, é uma aposta que parece resultar da percepção de que já hoje estamos em condições de promover e ler em série estudos sobre frutos da investigação documental no domínio pessoano. É também uma aposta na possibilidade de o pensamento reflexivo, a que José Barreto faz jus, acompanhar a vitalidade recente dos trabalhos editoriais.

*João Dionísio*

**LENTE BIFOCAIS: REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA PORTUGUESA DO SÉCULO XX**  
**ANA PAULA COUTINHO MENDES**  
 Porto, Edições Afrontamento, 2009  
 262 páginas, ISBN 9789723610406

Uma série de estudos apresentados na década de 2000 por Ana Paula Coutinho Mendes, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, foram reunidos e atualizados de forma a apresentar “uma perspectiva de literatura comparada”, como justifica a autora nas notas prévias introdutórias. O termo “focalização” torna-se portanto uma *Leitwort* nesse trabalho e o título é evocativo da proximidade da crítica literária com um léxico que diz frequentemente respeito à imagem e à visão.

As lentes bifocais são artefactos, cuja invenção se deve a Benjamin Franklin, para obstar aos muitos incómodos de quem, no auge da maturidade, se via obrigado a conciliar miopia com uma incipiente presbitia. A evolução da tecnologia aplicada à ótica felizmente já produziu lentes progressivas que atenuam o choque da perda da visão normal.

Na parte relativa à apresentação da obra, as referências bibliográficas dão conta da primazia do aparato crítico-documental norte-americano, mesmo quando a investigação diz respeito à emigração de outras etnias (a irlandesa,

a italiana, a grega, a hispânica (p. 8)), sendo evidentemente os Estados Unidos e o seu legado (ótico) frankliniano um aspeto bem marcante. É portanto aproveitada apenas uma visão monofocal, sendo usado na investigação de base quase exclusivamente um idioma. Além de abordar tópicos específicos, basta considerar como a diáspora italiana passa pelo crivo da condição feminina, descurando outros temas e fontes já editados a partir do séc. XX em vários países, inclusive o Brasil, que foi *the land of plenty* para muitos portugueses.

A bifocalidade expressada como opção polarizadora de representação está patente na divisão dos dezasseis ensaios do livro em duas partes: “Entre cá e lá: portugueses no estrangeiro”, consagrada à emigração, e “Entre lá e cá: estrangeiros íntimos”, onde os protagonistas são os lusodescendentes.

O fenómeno da diáspora é conotado com o império ultramarino e a ideia de deslocação tem uma raiz ontológica na cultura portuguesa, mas é nomeadamente o período a partir da década de 60 que é analisado nesta obra. Várias facetas do desenraizamento vêm aqui exploradas: o exílio político, a migração por razões económicas e o autoexílio. As personalidades proeminentes da cultura portuguesa que abandonaram o país por aversão a Salazar, os diplomatas ou universitários que cumpriram parte da sua experiência laboral no estrangeiro, as vozes femininas consagradas que quebraram o imaginário de quem

sempre relaciona o exílio com o Ulisses, ícone da virilidade, vêm associadas a personalidades tais como o autodidata José David Rosa. Para este autor, a temática universal da escrita migrante está vinculada à memória; as experiências vividas fora do país, representadas como relato ou como motivo inspirador de histórias com carácter de ficção, geram trabalhos cujos títulos mostram uma atitude lúdica com a língua, num trajeto paródico a partir do cânone, de James Joyce a Dylan Thomas. Um processo similar também aproveitado por Onésimo Teotónio de Almeida na sua singular poética, construída a partir das trivialidades do quotidiano.

Os estudos de Ana Paula Coutinho Mendes representam autores cujo percurso de rutura com o país natal se associa a uma produção intelectual própria, um aspeto que os aparenta a todos. Os textos demonstram empatia para com o sentimento de ser estranho em terra alheia (o exílio) mas também indicam a oportunidade, bem aproveitada pelos protagonistas da investigação, de interagir com o novo espaço de acolhimento, uma vez cortado o cordão umbilical com a pátria, para enveredar, sempre enquanto intelectuais, por caminhos abertos a um diálogo denso e profundo no seio da nação de acolhimento.

Muitos dos autores citados fomentaram elos culturais que contribuíram para renovar a perceção crítica portuguesa. Fixados longe do país, fitam-no de olhar limpo das inferências nacionais e assim definem a imagotipia de

Portugal. Outros, que nasceram no estrangeiro e para os quais o português é apenas língua das relações familiares, aprendida em casa, a nação do(s) progenitor(es) não é necessariamente uma referência, apenas um espaço oximórico entre o paraíso (a terra das férias na infância) e o inferno (cinzento e sem perspectivas, que obrigou os pais a migrarem). O país não objetivamente real, delineado por estes autores, sentencia o fim do “mito do retorno”, como Eduardo Lourenço já indicava no seu *Labirinto da saudade* há mais de vinte anos. De qualquer forma, emigrados, (auto)exilados ou nascidos no estrangeiro poderão sempre idealizar o regresso a um Portugal fantasmático, ideal, mítico, quando estiverem cansados dos processos de assimilação das culturas dominantes com que têm de lidar. O termo “híbrido” (p. 215) acompanha a análise dos autores dessas gerações criadas fora do país e da sua produção literária que, sempre para Ana Paula Coutinho Mendes, ainda não demonstrou pujança para se erigir numa categoria literária, a da “Literatura luso-descendente”.

Todos os estudos apresentados indicam uma bibliografia que ostenta um aparato crítico de qualidade, apesar de sempre filtrado pela cultura anglo-saxónica. De facto, tendo em conta o ano de edição, *Lentes bifocais* já pertence ao cânone da crítica por ter colmatado um vazio com respeito ao tema tratado. A visão polarizada do artefacto ótico frankliniano é ao mesmo tempo

coerente e contemporânea, o que permite a melhor fruição e compreensão do fenómeno da diáspora lusa.

*Alberto Sismondini*

**GARCÍA LORCA E MANUEL DA FONSECA:  
DOIS POETAS EM CONFRONTO  
MANUEL SIMÕES**

Lisboa, Assírio & Alvim, 2011

133 páginas, ISBN 9789723716047

Encontramo-nos perante uma obra com pretensões claramente comparatistas. García Lorca e Fonseca são colocados em confronto, não para procurar diferenças, similitudes ou possíveis influências, mas para “interpretar criticamente o resultado dessa experiência” (p. 7). O estudo apresenta seis blocos de interesse, ordenados logicamente. O primeiro trata da visão histórica que relaciona as duas literaturas, baseada na influência da literatura espanhola na literatura portuguesa de uma maneira geral. Com argumentos possivelmente já conhecidos, Simões salienta a comunhão literária entre os dois países numa viagem que começa nos séculos XIV e XV, faz uma paragem em Gil Vicente ou em Camões, no *El diablo cojuelo*, do século XVII, e nos jornais do XIX, até que, nos começos do século XX, “a influência de Espanha se vai diluindo”, com a exceção do “donjuanismo” e do “quixotismo”, o primeiro pela mão de Teófilo Braga, de Guerra Junqueiro ou mesmo de Eça de Queirós, e o segundo,